E – Então queria que começasses pelo teu nome, idade, habilitações literárias e há quanto tempo trabalhas no Centro?

e- Chamo-me [confidencial] comecei no centro comunitário em 98 como voluntário, depois acabei por fazer aqui o meu estágio monográfico aaa tirei Educação e Intervenção Comunitária e depois foi-me proposto um estágio profissional e acabei por ficar até hoje.

E- Humhum. E quais as funções que desempenhas aqui?

[confidencial]

E- Humhum, ok. E a nível do bairro, gostava que me contasses um pouco a história do bairro, da criação, como é que surgiu?

e- Em termos aaa em relação aos registos escritos é complicado encontrar alguma história do bairro. Já fiz alguma pesquisa e mesmo a nível dos arquivos da Câmara Municipal nãooo, não é fácil encontrar registos da sua criação, no entanto sabemos que foi criado nos anos 70 aaa para albergar as famílias dos retornados das ex-colónias e também para realojar algumas famílias que viviam em barracas aqui nesta zona e na, no atual bairro do Santo António do Alto.

E- Humhum.

e- Ao longo… o bairro era de emergência porque a ideia, a ideia original foi de realojar as famílias provisoriamente, até que construíssem habitações definitivas mas como vê já lá vão alguns anos embora haja um projeto de realojamento ainda não está concluído.

E- E como caracterizas o bairro em termos de infraestruturas daaa segurança, habitação?

e- Habitação é um dos grandes problemas aqui da, dos residentes. Porque são casas pré-fabricadas, na maioria são casas pré-fabricadas e não foram, nunca foram alvo de qualquer tipo de intervenção para a sua manutenção, pelo menos a nível dos interiores. Algumas casas já tiveram algumas intervenções ao nível dos telhados mas pouco mais. E como são estruturas de fraca resistência, ao longo destes 30 anos, quase 40, é natural porque como estamos aqui próximos da Ria Formosa aaa que tenham deteriorado com mais (pausa 3s) com mais rapidez.

E- Sim. A nível de aaa do bairro (imperceptível) físico que o bairro tem da cidade de Faro. Achas que isso é um ponto negativo?

e- Sim, claro. Esse é um dos pontos que caracteriza o que é um gueto não é ao fim ao cabo, porque… nós estamos numa zona que estamos, que fazemos fronteira com o Parque Natural da Ria Formosa, estamos também inseridos na zona industrial do Bom João (tosse) logo pela lógica, não deveria haver aqui nenhum tipo de zona residencial, enfim foi a solução encontrada naquela altura. É um pouco longe da vista longe do coração e depois temos também a fronteira que é a passagem de nível, o comboio não é! Cria logo aqui uma divisão muito óbvia, em relação ao resto da cidade.

E- Humhum. E a nível da comunidade como é que descreverias, que tipo de caracterização é que

e- [É uma… são famílias aaa, isto a falar de comunidade, eu gostaria de poder dizer que existe um espírito de comunitário e por aí fora, mas de facto é que são famílias que têm relações de grande competição das quais… nós estamos aqui também para tentar minimizar essa maneira de estar e, e mobilizar toda a gente, enfim em prol de objetivos comuns não é. Daí que temos este espaço democrático que acaba por congregar todas as famílias e todos os indivíduos.

E- Em termos de etnicidade são famílias ciganas e mais?

e- A nível de… a este nível nós temos 50% sensivelmente de residentes são ciganos, são famílias ciganas e depois temos os não ciganos. A nível deee… pessoas emigrantes do leste não temos, temos 4 famílias aaa dos PALOPS aaa e mais nada. Acho que são pessoas que eram do Alentejo, muitas delas, que estão aqui no Algarve há uma ou duas gerações… mas maioritariamente Farenses.

E- E a nível de ocupação e de rendimentos, como é que funciona?

e- Temos muita gente beneficiária do rendimento social de inserção, temos muita gente dedicada ao (imperceptível) alguns legalmente outros fazem ilegalmente porque não têm, fazem na ilegalidade. Temos algumas pessoas, poucas, com contratos de trabalho. Temos residentes que trabalham na Fagar, por exemplo, temos aaa pessoas que trabalham na Câmara Municipal… mas são poucos, poucos que têm uma entidade patronal.

E- E a nível de agregados familiares, são agregados familiares grandes? Na média, mais ou menos quantos pessoas ou varia?

e- Varia sim. Normalmente as famílias ciganas são mais extensas. Têm tendência também para um agregado familiar ser composto por dois núcleos, porque lá está, muitas das famílias estão aqui há muitos anos acabaram, os filhos acabaram por se casar e ter também os seus filhos e uma vez que não têm, que não tiveram hipótese de, de arranjar a sua própria casa, acabaram por construir ou um anexo ou uma barraca próximo da casa dos pais, lá está, para também ter essa rede de apoio familiar (tosse) mas talvez uma média de 4 pessoas por agregado.

E- E a nível de, recordaste da falta de solidariedade ou de sentido comunitário. Quais são as principais divisões que pensas que há no bairro? São entre as famílias ou

e- Sim muitas, há vários. Os não ciganos atacam muitas vezes os ciganos porque existe… é uma questão de competição, todos querem ter os mesmos direitos, todos querem ter os mesmos benefícios e os não ciganos vêm os ciganos como aqueles que têm direito a tudo e a mais alguma coisa só por serem ciganos e logo por aí já há uma, começa logo aí uma flexão de descriminação… aaa mas mesmo muito aqueles que não são ciganos já há invejas e há relações de conflito, lá está, porque há competição.

E- Humhum. Achas que há mais união entre os elementos de cada família do que entre a família?

e- Sim, sim, sem dúvida.

E- E quais achas que são os problemas mais graves que todas essas pessoas do bairro enfrentam? Falaste há pouco da precaridade do trabalho.

e- Sim, da habitação também. (tosse) Acho que é… acredito que a inclusão e a intervenção que se dá pelo trabalho, mas para isso é preciso ter alguma formação académica e formação para o trabalho e depois… a questão do trabalho aaa e infelizmente vivemos num tempo que existe uma grave crise, não só a nível nacional como internacional, que faz com que seja… antigamente era difícil incluí-los no mercado de trabalho, hoje em dia muito mais não é! Depois há a agravante do nosso Estado também não (tosse) não suportar e ter sido obrigado a mudar as regras dos apoios sociais, depois também em 2010 começaram a cortar nos abonos familiares, as

regras também relacionadas com o rendimento social de inserção, o que fez com que também não facilitasse a vida a quem necessita também. Depois a questão dos ciganos é que é uma relação duplamente traumatizados, digamos assim. Primeiro porque vivem numa situação de precaridade, como os não ciganos, mas por outro lado porque são ciganos e só por causa disso será mais difícil encontrar trabalho e, é por isso que se dedicam a atividades em que não existe uma entidade patronal… estou-me a lembrar da apanha da amêijoa, daaa, muito, hoje em dia pratica-se muito a recolha do ferro velho aaa, e atividades que não tenham diretamente a ver com, com relações de dependência.

E- E aspetos que destacaram, aspetos positivos das famílias deste bairro ou do bairro em si, ou potencialidades. O que é que dirias?

e- Aspetos positivos… primeiro é um privilégio, isto é se compararmos isto a uma aldeia do interior aaa embora haja competição e relações conflituosas entre determinadas famílias, há também aquela vontade para estar na rua, para convívio no espaço exterior. Durante o dia funciona mais ou menos bem, tomara muita gente da cidade poder fazer o seu almoço, grelhar o seu peixe à porta de casa, poder ter os filhos andar à vontade pela, pelo bairro sem ter medo que aconteça qualquer tipo de coisa (que é o que acontece aqui com as crianças que podem andar aqui há vontade) e depois vão de casa em casa porque a rede familiar está toda aqui não é! Muitos de nós que têm os seus familiares noutras zonas do país, aqui não, têm tendência para se aglomerarem aqui e são dos aspetos positivos.

E- E a nível de centro comunitário. Quando é que foi criado? Quais foram os propósitos?

e- O centro comunitário surgiu de um projeto de luta contra a pobreza, que durou 3 anos aaa, terminou em 96 e na altura houve a necessidade de dar continuidade das ações do projeto. Existe esta coisa física, o centro comunitário, mas não tinha, estava associado ao projeto mas não tinha aquela situação de autonomia (tosse) em relação ao projeto. Então a Fundação António Silva Leal aaa acordou com a Segurança Social dar continuidade às ações, tornado o centro comunitário uma estrutura autónoma do projeto e fez com que isto se tornasse num centro comunitário, propriamente dito, sem final à vista, a ideia é continuar aqui enquanto eu cá estiver.

E- E como é que foi inicialmente, porque as pessoas já estavam cá não é?

e- Sim.

E- Como é que foi a aceitação das pessoas?

e- Bem isto logo de início, o centro apareceu, foi construído 2 anos depois do projeto ter sido iniciado. Houve um primeiro contacto com atividades recreativas, atividades de rua. O primeiro grupo a ser trabalhado foi o grupo das crianças (por uma questão de facilitar depois a integração) e a estrutura física que dava apoio às atividades encontrava-se no, na Atalaia, no antigo tribunal de famílias menores, também era uma estrutura em pré-fabricado. Algumas atividades eram desenvolvidas lá e mais tarde houve a necessidade de criar aqui um espaço físico aaa mas obviamente que isso houve vários obstáculos, primeiro desconfiança das pessoas em relação ao que vínhamos aqui fazer depois as pessoas tinham, conotavam muito a Fundação como entidade ligada à Câmara Municipal (que era uma entidade que prometia realojamento mas que não, acabava por não efetivar), tivemos de fazer um trabalho, um esforço para nos afastarmos dessa imagem, o nosso trabalho não era aqui propriamente, não tinha nada a ver até com a questão do realojamento, eventualmente teríamos até forçosamente trabalhar essa temática de preparação para o realojamento mas não vínhamos aqui dizer que vamos dar casas ou que vamos construir um novo bairro ou seja o que for. A nossa, o nosso papel aqui era de promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas, mobilizar recursos e fazer com que as pessoas participem neste processo, esse é que é o nosso grande objetivo.

E- Que tipo de trabalho vêm desenvolvendo aqui com a população?

e- O facto de estarmos aqui desde 98, a atual equipa está desde 2001, antes os três técnicos do núcleo do (imperceptivel) já faz 10 anos não é, mais de 10 anos, o que faz com que a relação com as pessoas seja de grande proximidade e isso facilita-nos muito o chegar às questões em termos de avaliar as nossas intervenções, vamos diretos aos assuntos e isso faz com que as coisas funcionem da melhor maneira não é! Claro, lá está, não vivemos isolados, dependemos também das nossas parcerias e do próprio ritmo que as pessoas têm e da sua vontade e necessidade de mudar, ao fim ao cabo.

E- Hum, sim.

e- Dependemos, como lhe disse, mas temos de respeitar, principalmente o ritmo das pessoas, porque por nós já teríamos feito muito mais como é óbvio, mas as coisas não funcionam assim. (tosse)

E- Que tipo de serviços é que vocês providenciam às pessoas? A nível de banho já vi que sim… a nível de, não sei… escreverem cartas e lidar um pouco com as burocracias também?

e- Os banhos ultimamente tem sido… justificam-se devido aos corpos que pertencem à (imperceptível) que tinham falta de, que tinha os pagamentos em atraso e muito embora tenhamos feito alguma mediação para que as pessoas pudessem pagar as prestações, as pessoas depois acabaram por não pagar e a Fagar, obviamente, que chegou aqui um belo dia e acabou por cortar… não só tirar os contadores mas também cortar os ramais. A nossa posição a esse nível foi de disponibilizarmos os balneários (eu chamo-lhe balneários mas são, é um, apenas uma casa de banho com duche, com chuveiro) aaa e também 15 litros de água por dia para cozinhar e esse tipo de coisas aaa

E- [Ou seja, neste momento as pessoas não têm água

e- [As pessoas que não têm água podem vir aqui, sabem que podem vir aqui buscá-la. (tosse) aaa, os banhos, obviamente que nós damos prioridade aos pequeninos aaa e há esta situação da Fagar, mas fizemos questão que os miúdos viessem aqui, os mais sujos, tomassem aqui banho. Lá está, a relação-proximidade que temos hoje com as pessoas permite-nos pegar na criança e deixá-la na banheira sem ninguém perguntar nada aos pais.

E- Sai de casa (imperceptivel)

e- Exato. Vestimos-lhe a roupa também, portanto, higiene… agora a nível dos serviços nós temos dois principais serviços, um deles é o gabinete de apoio social integrado, que é o gabinete que se faz, é a zona dos projectos e que trabalham mais a vertente comunitária e de atendimento aos adultos. E temos o apoio socioeducativo que se destina a crianças dos 6 aos 13 anos de idade. Aaa, no primeiro temos várias áreas de intervenção, temos o tal apoio social, o principal objectivo dessa área de intervenção é a tal mediação inter-institucional (tosse) mediação institucional, porque há muita gente que tem problemas em todo o tipo de, em várias áreas e não sabe como é que há-de resolver o problema ou se realmente o problema é grave ou se não é, portanto há alguma

falta de informação e nós tentamos resolver essas situações, informando as pessoas, fazemos os contactos com as instituições aaa

E- [Porque há pessoas que não sabem ler!

e- Há muita gente que não sabe ler, temos aqui uma grande percentagem de analfabetos, neste momento não sei precisar quanto, porque até ao ano passado tivemos alfabetização mas a Direção Regional de Educação acabou com isso e muitos dos formandos já vinham de anos anteriores, portanto estavam inscritos, de ano para ano, mas continuavam sem as noções básicas. A nível de apoio social temos o tal banco de roupa, temos o banco alimentar, o serviço de balneários, serviço também de lavandaria (lavandaria, mais uma vez, temos a lavandaria mas é só uma máquina de lavar).

E- (risos)

e- Isto foi criado também, porque tivemos aqui algumas pessoas que vivem em situação de sem-abrigo, e para facilitar um bocadinho a sua vida, lá está, facilitamos o acesso à máquina de lavar e também há algumas famílias que tinham grávidas já em faseee

E- Avançada?

e- Avançada, exatamente. Depois temos o apoio logístico e administrativo, que é o preenchimento de formulários e requerimentos. Serviços de email, fax aaa esses serviços de email e fax estão relacionados muito com os vendedores ambulantes que eles precisam de pedir autorizações para as vendas ambulantes e nós fazemo-lo através desses dois meios. Antes de criarmos estes serviços, muitos deles faziam as vendas ambulantes sem autorização, porque fazia com que, chegavam aqui com coimas para pagar porque não tinham autorização e então eram multados. Hoje em dia, a maior parte faz os pedidos, o email também é uma coisa rápida e eficaz portanto… temos também o serviço de telefone, que neste momento existe dois números fixos e normalmente aaa destina-se só para questões relacionadas com emprego, saúde ou situações de urgência. Também temos o serviço de fotocópias e uma coisa tão básica como o apoio à leitura e interpretação de correspondência, aaa isto parece uma coisa pequena mas para certas pessoas acaba por ser muito importante (tosse). Ainda há pouco tempo houve uma utente nossa que chegou aqui muito aflita porque tinha acabado de receber uma fatura para pagar e tinha já pago ontem e foi a confusão de duas cartas que foram enviadas

mais ou menos à mesma altura, porque ela já tinha pago e não tinha que pagar outra vez… então foi simplesmente explicar o que é que era e pronto foi mais (imperceptivel)

E- (risos)

e- Depois temos outra área de intervenção que é a intervenção urbana e requalificação ambiental, que é a promoção de acções de melhoria de segurança e limpeza do bairro. Vamos participar agora no próximo "Limpar Portugal", vamos trabalhar, fazer os trabalhos um dia antes porque a Fagar tem muito mais meios disponíveis do que no próprio dia do "Limpar Portugal", em que vai ter que se dividir, nós acabámos por trocar as luzinhas do "Limpar Portugal" por uma intervenção mais rigorosa. Depois sinalização de situações de risco para a segurança e saúde pública aaa sempre que, a questão da iluminação pública, por exemplo, (tosse) neste momento também estamos, (mas isso a título particular), estamos agora com um baixo assinado para entregar à Câmara para alterar o sentido do trânsito daqui da passagem de nível, porque isso para além de não ser útil para quem cá trabalha e para quem mora cá também não… acaba por transmitir uma má imagem de guetização.

E- Pode-se entrar mas depois para sair tem de passar no outro lado da cidade.

e- Exatamente. Depois promoção para a melhoria da imagem do bairro junto do restante tecido urbano. Isto é outra das nossas acções em podemos participar fora com outras entidades também, promover a nossa oferta também fazemos. Depois temos outra área que é o emprego e formação profissional que obviamente é uma área complicada por falta de acesso tanto a formação como de emprego. Fazemos mediação com as entidade empregadoras sempre que há utentes nossos que recebam, como locatários, nós fazemos um primeiro contacto, tentamos saber o que é e onde é que é, porque há muito também a tendência de recusar logo, porque é muito longe ou porque enfim… nós tentamos fazer também a… fazer aqui a mediação. Temos o apoio do acompanhamento de candidaturas à criação de pequenas e médias empresas aaa onde se incluí aqui o microcrédito. No ano passado fizemos um acompanhamento para o microcrédito e temos o apoio à elaboração de currículos aaa o modelo europeu. Depois temos também a área da intervenção uma área, que é cultura, apoio às actividades recreativas, tem a ver com a comemoração de dias festivos, como por exemplo o aniversário do Centro, do Natal e por aí fora. Aí tentamos juntar toda a gente e todos participam na organização e na realização das festas. Temos a realização de exposições fotográficas e por actividades realizadas no

Centro, vamos ter agora o mercado social no final deste mês. Depois também, pontualmente, organizamos workshops temáticos. Temos uma parceira com o Centro de Saúde aaa de forma a que uma equipa de enfermagem se desloque aqui uma vez por semana, neste momento estão-se a deslocar aqui às quartas de manhã e fazem o atendimento/ triagem das pessoas, escusam de se deslocar ao Centro de Saúde aaa e fazem aqui os primeiros socorros, controle das vacinações e por aí fora. Depois temos como projectos em parceria, um projecto "Mais Próximo", da Cruz Vermelha, no âmbito dos contractos locais de desenvolvimento social, aaa e a esse nível temos tido a sorte de ter o Teatro do Oprimido, desenvolvido pela Júlia Witte, que tem feito um excelente trabalho, a quem temos de agradecer e a nível da Cruz vermelha também porque passaram

E- (imperceptivel)

e- Mas é verdade, foram eles que… conhecia antes de eles a trazerem cá. Iremos ter então uma das edições na próxima sexta-feira, na próxima não! Sexta-Feira dia 30.

E- Esperemos que corra bem.

e- Esperemos.

E- E a nível das obras? Ah, já acabaste?

e- Não, *tava* aqui… aquilo que referi agora tem a ver com todo o trabalho que é feito no ASE. O ASE que é o atelier socioeducativo também tem várias áreas, tem artes plásticas, animação desportiva, actividades recreativas, artes performativas que é onde incluímos o Teatro do Oprimido e a dança cigana; culinária, colónias de férias, tecnologias de informação, visitas de estudo e estudo acompanhado. Este último é feito, realizado pela nossa voluntária (que acabou de sair). Aaa temos mais duas voluntárias que vão começar um projecto de educação pré-escolar, que vão trabalhar… são duas educadoras voluntárias e vão fazer a preparação para o ingresso do 1º ano escolar. Depois, isto para crianças dos 6 aos 13, depois dos 13 para cima é a nossa grande falha… porque não temos nem recursos humanos nem espaço. Temos aqui este gabinete que de vez em quando acabamos por disponibilizar para os jovens estarem aqui, mas é um espaço muito limitado e então não tem grandes condições para eles cá estarem aaa, o que tentamos fazer é encaminhá-los aaa sendo que eles vêm aqui tentar encontrar… lá está, as parcerias, quem possa colmatar essas nossas falhas, em relação aos jovens, e

encontramos isso no Teatro, porque temos um grupo que trabalha ooo, os jovens mais velhos (tosse) aaa, tentamos também com o futebol, claro mais uma vez com a Cruz Vermelha… mas as coisas não correram assim muito bem, mas de qualquer maneira foi uma experiência e temos de fazer experiências (imperceptível) mas enfim… é a vida! Eee… é a nossa grande limitação, fazer o trabalho com jovens.

E- Era isso que te ia perguntar. Que tipo de intervenção é que vocês têm procurado fazer com eles?

e- Humhum. Não era… a partir de determinada altura, como disse há pouco nós temos muitos… 50% são ciganos, neste momento, e a grande maioria de jovens são ciganos. Eles com 14, 15, 16 anos são casados, portanto, eles logo à partida começam a trabalhar… vão à apanha da amêijoa, na escolha do ferro velho e por aí fora. Porque eles entram logo na vida activa, não têm aquela passagem da adolescência para a vida adulta, passam logo de crianças para adulto e eles acabam por trabalhar. Os outros procuram formação profissional e por aí fora, porque a maior parte deles acabam por desistir da escola, ao 7º, 8º ano acabam por desistir, pelo menos a maioria, e nós tentamos encaminhar para cursos de formação profissional, é o papel que nós fazemos é nesse sentido aaa, garantir que eles consigam a sua autonomia o mais rápido possível, mas não tem sido fácil porque a oferta não é… a Fundação tem agora um departamento de formação profissional, o que nos facilitou encaminhar alguns dos jovens para um curso de pintura, no ano passado. E está agora, estamos também em fase de, de, de… de candidatura para outra formação profissional e espero também conseguir colocar alguns jovens. Agora não é fácil! Não é fácil para ninguém, muito menos para quem tem fracas habilitações.

E- E achas que esses jovens correm um pouco o risco de seguir os prossupostos dos seus pais ou que podem ter uma vida diferente?

e- Ao nível dos ciganos, infelizmente, há uma grande pressão social sobre eles. Os ciganos são todos diferentes uns dos outros mas aqui os nossos ciganos são muito conservadores. Eles podem ter aquela fase de (pausa 3s) não vamos falar dos jovens, pode-nos parecer que estão muito à frente, que estão integrados, no entanto vem o casamento e só o casamento então…

E- É o mesmo ciclo.

e- É! Então entram naquele peso e um controlo social que há depois não… aaa que é próprio dos ciganos, pelo menos dos daqui, cá há muita crítica, há muita pressão e já não é só das famílias, do grupo de famílias, também da família com quem se vai casar que espera determinados comportamentos e muitos deles são contrários aos comportamentos da maioria e muitas vezes os adultos não segue, dos grupos de ciganos, ganham fé com a maternidade ou paternidade e daí terem os filhos muito cedo.

E- Está quase um ciclo muito difícil de quebrar. Estão só interessados em dinheiro, achas? Provavelmente por ter de deixar a escola…

e- Quem poderia mudar isto são as mulheres porque as mulheres é que têm o papel educativo. E formar as mulheres seria garantir que as coisas mudariam mas também tem a ver com os percursos pessoais… eu acho que nós não podermos pôr todos no mesmo saco e lá vai… porque até é mesmo a maioria. Isto vai depender, lá está, da força que cada um tem e da vontade que tem para ter uma vida diferente. Aqui no bairro temos uma pessoa que (tosse) que tem o curso de mediador cultural e que está a trabalhar e está perfeitamente integrado e que luta pelos direitos dos ciganos não é!

E- É o Clife não é?

e- É o Clife, exatamente. E já tem a ver com a própria família e com os desejos que ele tem e com as suas aspirações pessoais.

E- E a nível das famílias dos jovens do grupo “Minoria do Gueto”, que tipo de famílias são? A nível de habitação, a nível habilitações literárias, atividades económicas.

e- São um pouco… são todos diferentes (pausa 3s) alguns dedicam-se à venda ambulante, portanto de produtos sazonais, aaa outros são beneficiários do rendimento social de inserção aaa… curiosamente, o teatro acabou por, por… porque há aí alguns que de outra forma, não estou a ver a conviver que isso é uma coisa muito boa e muito interessante! Por acaso fiquei admirado em ver quem estava a participar e com era composto o grupo. Não me parece que tenha havido qualquer tipo de conflitos entre eles, poderá ter havido uma situação ou outra mas nada que… que fosse alarmante. (tosse) aaa (pausa 3s)

E- Quando entrei pareceu-me um grupo bastante coeso e se não viesse a saber que eram de uma família mista que o pai é cigano ou não é. Depois temos a Cristina que é cigana, Isilda e o Isaic que também é cigano. O Zé e a Verónica são filhos de retornados ou?

e- Segunda geração.

E- O Daniel?

e- O João Daniel faz parte?

E- Depende, tem dias (risos). Portanto é um grupo realmente muito heterogéneo, sim. E a nível do dia-a-dia deles. Como é que achas que é a relação deles com a família?

e- (Pausa 3s)

E- São relações problemáticas, são relações fáceis?

e- Não eu acho que quando há família, como metade das famílias numerosas, quase natural que haja algum distanciamento (imperceptivel devido ao barulho de fundo) e depois a maior parte dessas famílias têm bebés e por isso inclui que as atenções estejam viradas mais para as crianças mais pequeninas, por questões de sobrevivência e lá está, eles aqui crescem mais depressa. Acabam por se tornarem autónomos pelo menos a nível de, a nível mental muito rapidamente. Acho que é uma relação, não diria de distanciamento… mas com alguma autonomia.

E- E com as pessoas fora do bairro. Como é que achas que funciona a nível da escola, dos professores, pelas turmas em que estão inseridos.

e- Pelas peças que eles têm feito acho que dá para perceber que há, que se sentem de alguma forma discriminados não é. Não só pela origem cultural mas pelo facto de viverem aqui neste bairro. Acham que (imperceptivel) para não ser discriminado, há sempre um estigma. Num seminário em que um cigano estava a falar dessa experiência com um filho na escola, e ele tinha sido chamado à escola e o filho disse: “Olha pai não digas que eu sou cigano, diz que eu sou só meio-cigano”… porque se ele fosse cigano inteiro já… o facto de ser meio-cigano já se vê aí uma grande diferença (imperceptivel) era outro. Acho que eles sentem e é natural porque aaa Faro não conhece a Horta da Areia mas não tem problemas nenhuns em criar juízos de valor não é! Isso é outra coisa que já disse publicamente até na rádio, convidei (imperceptivel) a visitar o centro, o

bairro. Isto não é aquela imagem monstruosa que se faz. É obvio que tem problemas agora se as entidades… lá está, há criminosos e há em todo o lado e também temos aqui os nossos e as entidades com essa competência de resolver essas situações muitas têm, esses indivíduos, de serem identificados. Agora é mau pôr toda a gente no mesmo saco. Temos pessoas de idade que vivem sozinhas e que não têm nada a ver com muitas das histórias que se contam aqui do bairro e que só querem viver a sua vida tranquilamente.

E- Por acaso é curioso, tem-se a ideia de que o Centro é onde há muitos ciganos, um gueto mais ou menos, aaa que as pessoas vão ficar todas a olhar para ti, onde vão fazer muitas perguntas e vão andar à tua volta e vão-te mandar embora e quando uma pessoa entra aqui… da primeira vez que entrei aqui não senti nenhum tipo de olhares curiosos, parece que as pessoas estão habituadas a esse vai e vem…

e- Exatamente. No inicio do projecto era assim, não entrava aqui qualquer pessoa. Eu cheguei assistir… houve uma altura em que a universidade quis fazer aqui uma visita e eram estudantes de Barcelona, e eles estacionaram o autocarro do outro lado da estrada, e enquanto eu fazia aqui uma explicação do que é que isto era, houve um grupinho que resolveu dar uma voltinha por seu livre arbítrio… deram aqui a volta e voltaram logo para atrás porque apareceu alguém e perguntou-lhes quem eles eram, o que estavam ali a fazer, o que eles queriam… houve uma altura em que era complicado mas graças aaa, lá está, ao nosso trabalho, embora o Centro seja pouco reconhecido e que nós fazemos muito na rua. E fazemos questão, das pessoas que estão aqui connosco, também de… conheçam a realidade. Às vezes há situações em que não está próximo e acabamos por não fazer esse trajecto mas a maior parte das pessoas são convidadas a dar uma volta ao bairro e isso faz com que as pessoas, os residentes, aaa contactem com pessoas de fora e normalmente são pessoas que acabam por nos trazer algum, alguma, que estão aqui por um motivo que consigam ser benéficos para eles. Nunca se faz uma visita do tipo turística, para mostrar o que aqui há, a ideia é sempre para mostrar as condições que aqui há para melhorar, não é de… de bota abaixo.

E- Hum, sim. E em relação ao Teatro do Oprimido, o que te fez pensar que poderia ser uma actividade interessante para desenvolver aqui com os jovens e crianças também?

e- Bem nós já tivemos experiências de teatro e sempre como foi uma actividade que cativava sempre os mais novos como os mais velhos, agora com essa componente do Teatro do Oprimido, eu passei a conhecer no momento em que Júlia veio aqui trabalhar

connosco e isso faz sentido. Foi uma mais-valia para nós e para os participantes poderem fazer o teatro ainda por cima com a história que lhes dissesse directamente respeito não é. Isto acaba por ser uma lavagem também mental e uma forma de crescimento e que lhes diz algo muito directamente e essa questão de ser muito directo é uma coisa que acho que foi muito positivo.

E- Aaa e qual foi ao inicio, por parte das famílias, a aceitação da actividade? Foi razoável como as outras?

e- É exatamente, acho que não houve… não houve assim grande… porque nós, a nossa política é a mesma com os voluntários. O que nós costumamos fazer é aproveitar o que os voluntários têm de melhor, não vamos direcioná-los demasiado. Temos o nosso programa e tal e se quiserem e se tiverem aptidão para determinada área acabam por se integrar e passado algum tempo têm essa actividade e desenvolvem essa actividade. Tivemos já "n" de experiências, é uma coisa que nós gostamos de fazer aqui que é experimentar coisas novas, por isso a esse nível acho que não houve grande distância.

E- As famílias estão habituadas também a…?

e- Sim, é a nossa forma actual de trabalhar. Agora, sei que o facto da Júlia também ter trabalhado com alguns dos encarregados de educação, dos miúdos que fazem parte do grupo, se calhar fez com que os pais tivessem contacto com ela e com a actividade em si. Puderam experimentar o que os filhos experimentam em si e isso é uma coisa que foi positiva e também, a esse nível não… se calhar foi das poucas atividades em que isso aconteceu. Aaa acho que a esse nível também foi muito positivo. Para nós é uma questão de dar continuidade não é… vai depender dela.

E- Bom nós agora fizemos o "Toca a todos", portanto conseguimos financiamento.

e- O "Toca a todos"?

E- É um projecto que é o "Toca a todos", conseguimos um financiamento da La Youth e a ideia era continuar um pouco a trabalhar as questões do Teatro do Oprimido, possivelmente aqui na Horta da Areia também com a Cidade Hayward, vamos ver! E tendo em conta o contexto sociocultural em que estes jovens estão inseridos, achas que o Teatro do Oprimido é uma mais-valia?

e- Sim, exato. Como eu disse acho que é uma forma de eles se libertarem um pouco e de falar o que lhes vai na alma e de crescerem… verem que afinal há formas de falar das suas, dos seus problemas e de lidar com ele naturalmente.

E- Sim. E pensas que o Teatro do Oprimido, assim como outras actividades que vocês fazem, pode contribuir para a melhorar a imagem que as pessoas de fora têm do bairro, quando vão assistir a uma peça?

e- Sem dúvida, sem dúvida. Agora, lá está, talvez a nossa projeção lá fora não seja aquela coisa aaa (imperceptivel) e porquê? Porque se calhar fazem as coisas muito boas e muito válidas e não, não fazemos grande eco desse trabalho. Nós trabalhamos muito no terreno e esquecemo-nos que é preciso, de vez em quando, as tais luzinhas que é preciso divulgar e é preciso dizer que estamos a fazer muita coisa. Aquela questão do marketing, lá está, também é uma das nossas lacunas aaa e se calhar no inicio (tosse) isso era importante que acontecesse para ganharem a confiança das pessoas, que não estamos aqui para ganhar qualquer coisa à sua conta. Estamos aqui para trabalhar com elas não é para, não é para…

[interrupção devido a uma ave]

Nós temos neste momento, estamos a trabalhar num blogue aaa, nos próximos tempos vamos pô-lo no ar e vai ser a nossa forma de divulgar… é uma questão também de fazer (imperceptivel) de quem trabalha cá, é uma forma de, quem trabalha cá e é remunerado, aos voluntários e às pessoas que aqui estão. Depois temos aqui algumas pessoas, residentes, que têm a sua própria firma… e à bocadinho esqueci-me de falar nisso. Temos aqui uma pessoa que tem uma empresa de desratização, temos um artesão que faz um trabalho espetacular em fósforos. Vamos usá-lo também para divulgar essas empresas locais e… apoio à iniciativa locais (imperceptivel).

E- Sim e achas que para o bairro ou para a população do bairro, actividades como o Teatro do Oprimido podem trazer algum tipo de transformação ou mudança na vida deles?

e- Isto teria que ser a larga escala não é! Mas se assim fosse acredito que sim, porque acaba por ser um bocadinho matraquilho não é. Acaba por ser… e acho que a grande questão aqui é o (imperceptivel) do Teatro que faz (impercetivel) por exemplo. Podia facilitar as relações entre os vizinhos, entre famílias aaa ou pelo menos ser um dos

instrumentos a, com muita força para o fazer. Aliás até acho que no futuro, num programa de realojamento faria todo o sentido usar esta técnica.

E- Também acabaste por me dizer que o próprio grupo em si, de jovens, acabou por unir pessoas que de outra forma não

e – [Exactamente.

E- Achas que os jovens entre si não… também sentem essa divisão?

e- Tem a ver com… exatamente, claro! Vamos imaginar aqueles miúdos que não são ciganos e que ouvem os pais a dizerem que os ciganos são isto e são aquilo, depois de repente estão num grupo de teatro em que há ciganos, e eles têm que lidar com eles e vêm que afinal não é bem assim como os próprios dizem… isso provoca algum desequilíbrio mas depois… lá está, é o contacto com a realidade e é… eles construírem a sua própria visão do mundo com base na sua própria experiência e acho que isso é muito bom, isso é muito válido por causa disso mesmo.

E- Por acaso eu agora estava a lembrar-me aqui de uma situação, uma vez com o João, que vieram duas raparigas ciganas ensaiar, num dia em que lhes apeteceu, e depois surgiu a conversa de elas virem participar no grupo e ele disse que não, não, não que não queria, se elas entrassem ele saia e depois estava a falar com a Mafalda e a Júlia e disse: “Mas porquê?”, “Ah, porque elas são ciganas”, mas existe já pessoas ciganas no grupo e ele não reage assim a elas, porque é que elas são diferentes porque é que elas não fazem ainda parte do grupo?

e- Pois. Não deram ainda provas.

E- Ah! Por acaso foi uma atitude interessante da parte dele, porque é a pensar e agora por causa disto é um bocado (imperceptivel).

e- Pois há a tendência de pôr os ciganos todos no mesmo saco, mesmo eles que o fazem, acabam por tratar diferentes ciganos de diferentes formas.

E- Consoante também a vivência que vão tendo com eles.

e- Sim, sim, sim. Mas fazem isso, porque lá está, vivem muito longe. Mas a retórica é que são todos iguais e que…

E- Acabámos da minha parte.